



Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

Instituto de Humanidades e Letras

Curso de Bacharelado em Humanidades

PAULO ROBERTO PINHEIRO LOPES

**É DIA DE FEIRA: UM OLHAR SOBRE A ORGANIZAÇÃO DA
FEIRA LIVRE DE REDENÇÃO-CE**

ORIENTADOR:

MAURILIO MACHADO LIMA JÚNIOR

REDENÇÃO – CEARÁ

2015

PAULO ROBERTO PINHEIRO LOPES

É DIA DE FEIRA: UM OLHAR SOBRE A ORGANIZAÇÃO DA FEIRA
LIVRE DE REDENÇÃO-CE.

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientadora. Prof. Dr. Maurilio Machado
Lima Júnior

REDENÇÃO – CEARÁ

2015

**Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira
Direção de Sistema Integrado de Bibliotecas da UNILAB (DSIBIUNI)
Biblioteca Setorial Campus Liberdade
Catalogação na fonte**

Bibliotecário: Gleydson Rodrigues Santos – CRB-3 / 1219

L85p Lopes, Paulo Roberto Pinheiro.

 É dia de Feira: um olhar sobre a organização da Feira livre de Redenção-CE. / Paulo Roberto Pinheiro Lopes. – Redenção, 2015.

 61 f.; 30 cm.

 Monografia do curso do Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidade e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB.

 Orientador (a): Prof. Dr. Maurilio Machado Lima Júnior
 Inclui Vídeo, Figuras e Referências.

 1. Feira Livre – Redenção (CE). 2. Economia municipal I. Título.

CDD 381.18098131

PAULO ROBERTO PINHEIRO LOPES

É DIA DE FEIRA: UM OLHAR SOBRE A ORGANIZAÇÃO DA FEIRA
LIVRE DE REDENÇÃO-CE

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao curso de Bacharelado em
Humanidades da Universidade da
Integração Internacional da Lusofonia
Afro-Brasileira, como requisito parcial
para a obtenção do título de Bacharel em
Humanidades.

Aprovado em ___/___/___,

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Maurilio Machado Lima Júnior (orientador)
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Prof. Dr. Leandro Proença -Lopes
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Profa. Dra. Francisca Rosália Silva Menezes
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

RESUMO

As feiras são espaços de grande movimentação, tanto nas pequenas como nas grandes cidades, por possuir esse caráter a feira torna-se um excelente local para observamos a dinâmica de uma cidade. Neste trabalho pretendemos apresentar uma visão sobre a organização da feira da cidade de Redenção-Ce, além de identificar e discutir as múltiplas formas de ver e de viver esse espaço. No intuito de apresentar uma visão mais abrangente este trabalho é composto de duas partes, sendo esta escrita e a outra filmada em forma de documentário, onde trago as vozes de feirantes, clientes e gestores que expressam múltiplas formas de ver e de falar sobre a feira. Algumas questões se sobressaem, por serem, ou parecerem, mais urgentes. Durante o tempo em que acompanhei os “dias de feira” pude notar preocupações compartilhadas e correntes tanto dos clientes como dos feirantes, umas dessas preocupações é o dia da feira que tradicionalmente ocorre no domingo, mas que uma parte dos feirantes quer que mude para o sábado, questões referentes à organização e higienização do espaço onde ocorre a feira também são preocupações constantes que envolvem o poder público.

Palavras-chave: Feira. Território. Economia Municipal.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1. A CIDADE E A FEIRA	9
1.1 Organização da cidade e da “feira grande”	11
2. É DIA DE FEIRA! SÁBADO OU DOMINGO?.....	18
2.1 Histórias da feira (múltiplas sociabilidades).....	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	27

INTRODUÇÃO

A feira, historicamente, sempre foi mais que um espaço de apenas comercialização, embora o espaço tenha se desenvolvido com essa finalidade podemos notar que nesse processo a feira enquanto espaço de socialização ganhou destaque, as múltiplas relações estabelecidas são intrinsecamente necessárias para a existência atual das feiras livres. Podemos notar isso pela grande movimentação das feiras, mesmo que o mercado hoje ofereça outras opções, a feira ainda é muito procurada e os produtos comercializados muito valorizados, não apenas pelos preços, geralmente mais baratos em relação aos dos supermercados, mas também pela qualidade e por vezes até pela procedência. A questão da procedência é uma das raízes das relações socioeconômicas da feira, pois cria-se uma rotina de compra em uma barraca muitas vezes socializada entre parentes e amigos. A garantia de que aquela fruta ou verdura, por exemplo, vem de um bom local e são frescas garantem a fidelidade do cliente e a “propaganda para a vizinhança”.

As feiras historicamente sempre demarcaram sua importância para a sociedade não apenas pelo comércio, troca e venda, mas também como espaço de encontros, de socialização. Por ocorrer em um espaço aberto as feiras sempre foram organizadas mais por um código social do que por um agente regulador, embora haja na atualidade esse órgão regulador, a prefeitura, que delimita o espaço e quem pode ou não comercializar seus produtos nesse espaço. A organização da feira, não apenas no sentido de distribuição espacial, mas também social e político, nos diz muito sobre a cidade e seus habitantes. Quando falamos aqui de organização, nos referimos ao sentido sócio espacial e político que o termo nos permite.

Neste trabalho buscamos mostrar a organização da feira de Redenção e suas múltiplas formas de sociabilidade, termo entendido aqui como o modo de ver, viver e dialogar com o espaço e com os indivíduos integrantes. A dinâmica social, observada na feira, que passa despercebido ao nosso olhar cotidiano revela muito sobre a nossa cidade e modo de vida de seus habitantes. A feira livre de Redenção ocorre todos os dias, mas nesse trabalho nos concentramos apenas na feira do domingo, conhecida como a “feira grande” por ser o dia em que há um maior número de feirantes e clientes, há ainda outra designação para essa feira que é utilizada para diferenciá-la da feira semanal, para esta comumente se fala apenas em “a feira” para a de domingo há sempre um acréscimo, seja

este que se refere ao seu tamanho (feira grande), ou o que se refere ao dia ficando assim, “feira de domingo”.

Os trabalhos sobre a feira de Redenção são poucos e se por um lado isso dificulta o meu trabalho, por outro aumenta sua importância. Os trabalhos que encontramos sobre a história de Redenção pouco nos diz sobre a cidade e seus habitantes. Assim pretendemos contribuir para um debate sobre a cidade utilizando a feira como um espaço importante para discuti-la. A feira é um espaço socialmente situado na fronteira da invisibilidade com a da evidência saltante. Isso torna a feira um espaço muito interessante, pois ao passo que é um local de grande visibilidade é também um local que esconde, que invisibiliza, pessoas.

Optamos por dividir esse trabalho em dois capítulos, apresentando no primeiro um pouco da história da cidade de Redenção e as transformações que a cidade está passando, essas transformações causam um impacto positivo na feira e no comércio geral de Redenção. Discutimos também nesse primeiro capítulo a organização espacial da feira. No segundo capítulo apresentamos a feira a partir de seus atores e seus problemas políticos internos, procuramos também falar sobre a história da feira a partir da história oral.

Para isso trazemos depoimentos de feirantes e clientes, habitantes da cidade de Redenção. Esses depoimentos foram colhidos no período de dois meses em que acompanhamos a rotina da “feira grande” e realizamos as entrevistas para compor o documentário, que apresentamos como uma segunda parte, complementar, desse trabalho. Utilizamos o documentário como uma ferramenta audiovisual que contribui para uma melhor visão do espaço da feira. No documentário tratamos os problemas da feira a partir das “vozes da feira” sem o intermédio de uma explicação teórica como o fazemos aqui.

1. A CIDADE E A FEIRA

Para entendermos a feira livre de Redenção é necessário, primeiro, compreendermos a história da cidade, seus aspectos econômicos e sociais de modificação ao longo do tempo. Para Milton Santos (2012) a cidade “é um regulador do trabalho agrícola, sequioso de uma interpretação do movimento do mundo, e é a sede de uma sociedade local compósita e complexa, cuja diversidade constitui um permanente convite ao debate” (SANTOS, 2012, p. 92). A feira ocupa esse lugar na cidade de Redenção, justamente, por ser um espaço que traz essa relação com o trabalho agrícola de forma bem nítida.

A feira torna-se assim um espaço importante para compreender a relação campo/cidade. Como nos mostra Santos (2012) o campo e a cidade são interdependentes economicamente, politicamente e socialmente. Para compreendermos essa relação é necessária uma abordagem que não hierarquize essas categorias espaciais atentando para suas características econômicas ou políticas, compreendendo estes espaços como complementares. Nos diz Souza (2010) que;

Os desafios para se discutir teoricamente a relação campo–cidade são concretos na medida em que, na maioria das abordagens, se verifica o predomínio de uma leitura dicotomizada, tanto nas Ciências Sociais como na Geografia, resultado da própria fragmentação do trabalho intelectual, levando à cisão de tais análises. Assim, predomina a leitura dual em que, de um lado estuda-se o campo, o todo rural, de outro, o espaço urbano e as cidades. Tais leituras apontam para diversas direções, destacando-se as análises que propõem a oposição entre esses espaços, em que a cidade passa a ser vista como *locus* do desenvolvimento, da industrialização, da técnica, portanto, da modernidade, e o campo, local do atraso e, até mesmo, impeditivo do avanço das forças produtivas, resquício do passado, que precisa ser transformado. (SOUZA, 2010, p. 95, grifo da autora)

A cidade de Redenção-Ce fica a aproximadamente 60km da capital Fortaleza e está situada no Maciço de Baturité. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística¹ (IBGE) em 2010, último ano em que foi realizado o Censo, Redenção tinha 26.415 habitantes. Essa população se divide entre a cidade e o campo, ainda segundo os dados do IBGE, sendo 15.134 na cidade e 11.281 no campo. Diante desses números podemos ver que a diferença de habitantes entre a cidade e o campo não é tão grande.

¹<http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=231160&search=ceara|redencao|info-graficos:-historico>

A história econômica da cidade mostra que a agricultura sempre ocupou lugar de destaque na economia redencionista, primeiro com os canaviais e depois com o cultivo de frutas, verduras e vegetais leguminosos, para Silva:

A economia do município de Redenção, após a decadência da cultura da cana de açúcar, que culminou com o fechamento dos engenhos que fabricavam aguardente e da usina de açúcar, voltou-se para o cultivo da banana que tem como seu ponto forte o clima favorável das serras. Praticamente toda a produção de banana do Município é escoada para a Central de Abastecimento (CEASA), em Fortaleza. (SILVA, 2004, p. 18)

A partir da estrutura econômica histórica de Redenção compreendemos que o campo era (e ainda é) o local onde era produzido uma grande parcela da economia da cidade. Com o enfraquecimento do potencial econômico do campo houve uma alteração na cultura de produção. A economia de Redenção sofreu alterações nesse período, diminuindo assim seu potencial, mas na década de 70 a cidade parecia apresentar sinais de um novo crescimento econômico, segundo Silva:

Na década de 70, o município deu sinais de um certo crescimento econômico com a instalação de agências e postos de bancos, o Bancesa, a Caixa Econômica e o Banco do Brasil, além de lojas de eletrodomésticos, mas faltou continuidade nas ações político-administrativas que garantissem um desenvolvimento sustentável.” (SILVA, 2004, p. 28)

Atualmente a economia da cidade é baseada na agricultura e no comércio. Na agricultura ressalta-se “destaque para os cultivos de cana-de-açúcar, milho, arroz, banana, batata doce, mandioca e feijão” (RIBEIRO, 2012, p. 35). Enquanto que o comércio “distribui-se em alguns atacadistas, varejistas e a feira livre que é tradicional todos os sábados [domingos], sendo uma das rendas da população que vende e consome produtos nesse dia da semana” (RIBEIRO, 2012, p. 35).

A chegada de uma universidade federal, a UNILAB, deu uma nova dinâmica à cidade, mudanças no comércio e na estrutura da cidade são evidentes para todos os moradores locais. Na feira conseqüentemente também podemos notar essa alteração, pelo aumento do fluxo de pessoas. Apesar de a universidade possuir um restaurante universitário, aos fins de semana os estudantes vão a feira para comprar carnes, frutas e verduras pois o restaurante só funciona da segunda feira até o sábado meio dia.

Para Antônio Carlos, comerciante local:

Com a chegada da universidade [...] o movimento na feira e no comércio em geral tem aumentado em torno de 90 a 100% por conta de que [...] aumentou o número de pessoas não só na universidade, mas trabalhando para abrange essas pessoas que chegaram de fora para que venham a ter a parte de

alimentação, de dormir, de todas essas coisas, aluguel. Então o comércio tem movimentado bastante por conta disso. (Antônio Carlos, 2015)

O aumento do fluxo de pessoas na feira aos domingos beneficia também aos demais comerciantes locais como podemos notar na fala de Antônio Carlos. A chegada da UNILAB acarretou em uma forte especulação imobiliária, o que movimenta a área da construção civil, já que há muitas construções e reformas de casas para alugar, gerando assim empregos formais e informais nessa área. Há também a demanda por outros produtos e serviços, com isso a economia da cidade tem crescido bastante e deve crescer ainda mais nos próximos anos.

A partir de uma abordagem econômica concordamos com Ribeiro (2012) quando ele coloca a chegada da UNILAB como uma “redenção” de Redenção. Encontramos concordância também na fala de Eneide Pinheiro, comerciante local, que nos diz o seguinte:

A chegada da UNILAB [...] devido ao fluxo de pessoas mexeu não só com a feira livre como também com o comércio, novos comércios abriram, novos feirantes vieram pra cidade, um número de pessoas maior, uma renda maior circulando na cidade, isso traz automaticamente para um local de venda um maior número de pessoas sim. (Eneide Pinheiro, 2015)

A chegada de uma universidade federal e internacional em uma pequena cidade, naturalmente, modifica a vida econômica da cidade, como fica evidente nos depoimentos supracitados. Além da chegada de um grande número de pessoas e das modificações econômicas a universidade em seu diálogo com o espaço circundante propõe um novo olhar sobre esse espaço. E é isso que pretendemos fazer nesse trabalho ver que a feira é mais que um espaço de comercialização, é um espaço de socialização, de transformação e de identidade da cidade.

1.1 Organização da cidade e da “feira grande”

Podemos dividir a feira de Redenção em duas, uma que ocorre de segunda a sábado e a outra que ocorre no domingo. A feira semanal distingue-se da feira de domingo pelo seu tamanho. As feiras também alteram, de formas diferentes, a utilização das ruas da cidade. Enquanto que na feira da semana é utilizado o espaço do mercado público municipal e a Rua Capitão Félix Nogueira entre as ruas Juvenal de Carvalho e Padre

Barros, na feira de domingo, ou na “feira grande”, além da Rua Capitão Félix Nogueira os feirantes utilizam também a Juvenal de Carvalho e parte da praça da Matriz.

Com a utilização da Rua Juvenal de Carvalho, pelos feirantes, a principal rua que dá acesso à CE-060 fica bloqueada no sentido Baturité. Isso exige uma reorganização do trânsito da cidade. Essa é uma das questões colocadas quando perguntamos o que as pessoas acham da organização da feira, como veremos a seguir. Com isso percebemos que a feira impõe uma reorganização da cidade, ou da utilização das ruas da cidade. Podemos entender melhor essa reorganização a partir do mapa abaixo:

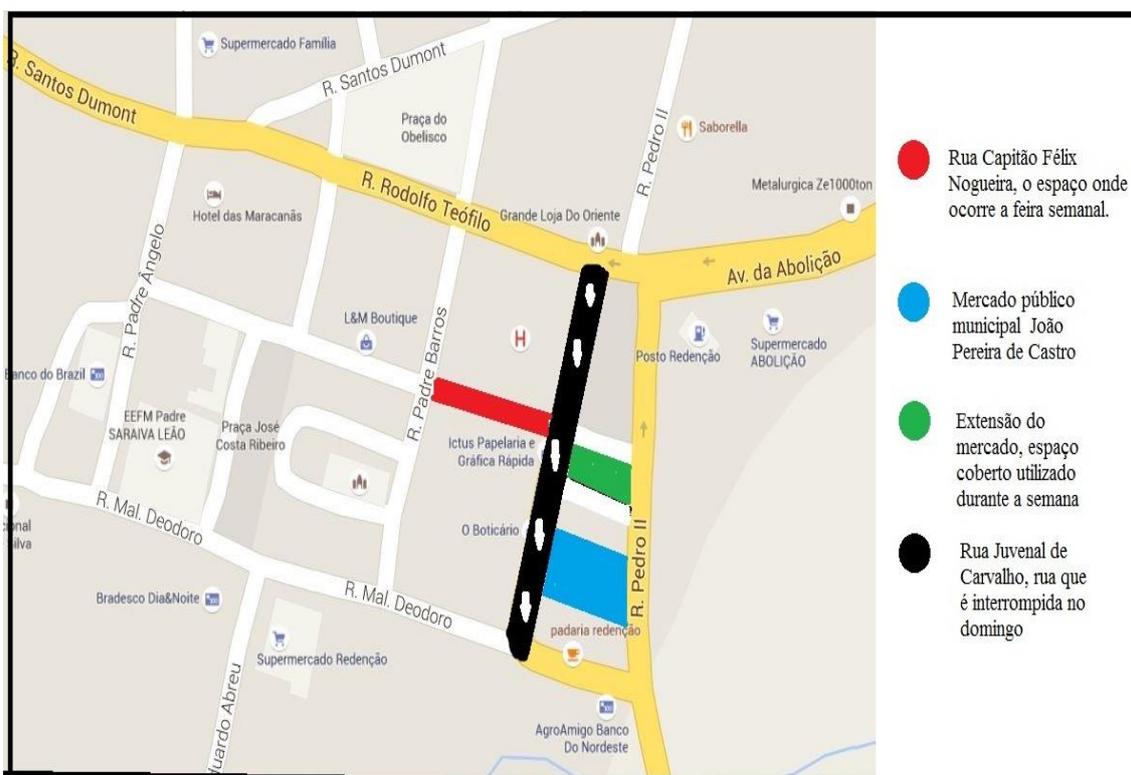


FIGURA I: Mapa das ruas onde ocorre a feira de Redenção

Fonte: <https://www.google.com.br/maps/@-4.2249114,-38.7284415,18z>

A feira livre ocupa um lugar muito importante no cenário político, por ser um espaço que possibilita ao pequeno produtor rural vender seus produtos e assim aumentar sua renda. Para Pierre e Valente “as feiras livres dão canais de comercialização de produtos da Agricultura Familiar que raramente recebem apoio de políticas públicas específicas ou são objetos de programa de desenvolvimento rural” (2015, p. 1). A partir disso compreendemos que a feira livre é mais que um espaço comercial, é um espaço de possibilidades para aqueles que não possuem meios para produzir em larga escala. Assim:

Estudos de caso sobre feiras podem servir como ‘lentes de aumento’ sobre um público marginalizado de agricultura familiar, cuja produção é ínfima. Esta lente pode revelar detalhes que escapam ao senso comum, dando a possibilidade, de ajuste das políticas públicas, de acordo com a especificidade do público beneficiário e sua correspondência com a realidade. (PIERRE e VALENTE, 2015, p. 16)

No período em que produzimos o documentário, sobre a feira livre de Redenção, a organização da feira, ou sua desorganização, evidenciou-se nas falas de muitos clientes, transeuntes e até mesmo feirantes. Alguns reclamam do modo como são organizadas as bancas e barracas, outros reclamam do local ocupado pela feira que atrapalha o trânsito da cidade, há também aqueles que reclamam do modo como são comercializados as frutas, verduras e principalmente as carnes.

As bancas são, em sua maioria, feitas de madeira e se organizam ao longo das ruas de forma disforme por possuírem tamanhos e formas diferentes. A organização da feira é algo necessário, não apenas por uma questão estética, mas também para facilitar a localização e movimentação dos transeuntes, sejam eles clientes ou não, pelo espaço da feira. Devido ao grande número de pessoas que a feira atrai, o deslocamento nesse espaço torna-se um pouco difícil, principalmente para quem carrega um grande volume de compras.

Sobre a organização da feira José Carlos, consumidor, demonstra preocupação com a organização do espaço, mas preocupa-se ainda mais com a higienização dos produtos comercializados:

Há um fato também que intriga ai e preocupa ao mesmo tempo é, digamos, uma mazela é uma má organização das barracas, dos feirantes e também da desvalorização do local, um exemplo disso dentro do mercado público há uma parte que deixa muito a desejar em relação à higiene, em relação a princípios básicos de vigilância sanitária (José Carlos, 2015)

Ele acrescenta, ressaltando a importância da feira, que:

Dentre outras coisas é um local muito bom de se comprar, você encontra produtos baratos, produtos também com o preço bastante acessível, outros não tão acessíveis, isso também vai de acordo com a qualidade de cada legume, de cada fruta, de cada item que é vendido aqui nessa cidade. (José Carlos, 2015)

Essa preocupação com a higienização das carnes, frutas e verduras é evidente em muitas das “vozes da feira”. Vemos a partir de José Carlos uma preocupação dupla, uma que fala sobre os problemas da feira e principalmente do mercado público, enquanto espaço construído para comercializar, de forma higienizada, carnes, verduras e frutas,

mas que não atende a essa demanda. E outra fala que releva as questões estruturais por ser a feira um lugar bom para fazer compras.

Eneide Pinheiro nos conta um pouco mais sobre a deficiência estrutural da feira e da necessidade de uma ação da prefeitura e da vigilância sanitária junto aos feirantes para organizar e melhorar o comércio dos alimentos perecíveis.

Em relação às carnes a gente vê que as carnes vendidas na feira geralmente são vendidas no mercado, que são recebidas no sábado à noite né? Em caminhões sem uma refrigeração, sem uma estrutura. Eu acho que deveria ter até mais trabalho de vigilância sanitária junto com esses feirantes dando tempo e ajudando com que eles se estruturam para melhorar a qualidade daquilo que estão oferecendo até por que aí vai entrar também a questão de saúde pública né? Junto à qualidade do produto vendido a forma que ele é transportado como é que funciona, e eu acho até que é uma questão de educação a vigilância sanitária junto com o município poderiam trabalhar junto com os feirantes pra que eles pudessem fornecer melhor a qualidade na maneira mais adequada, claro dentro da sua condição financeira, mas para que o consumidor final, é que muitas vezes não entende os fatores prejudiciais de um processo inadequado desde contaminação cruzada a outros processos de proliferação de bactérias, consumir um produto de melhor qualidade. (Eneide Pinheiro, 2015)

Esse relato denuncia a má condição em que são recebidas as carnes que são comercializadas no mercado público. Para Eneide Pinheiro esse problema pode ser resolvido com uma atuação conjunta entre a vigilância sanitária, a prefeitura e os feirantes. Entendendo que os feirantes não possuem os meios nem o conhecimento dos procedimentos adequados para armazenar e comercializar a carne, esse seria o melhor (único) meio de resolver esse problema. Mas como resolver isso? Eis uma questão complicada, uma vez que na prática esse diálogo não é tão simples.

Como nos diz Eneide Pinheiro essa questão envolve saúde pública, por isso a prefeitura tem que dar mais atenção a esse problema. Nessa relação entram também os clientes consumidores dessas carnes, desconhecendo o perigo eles consomem essas carnes sem exigir uma melhor higienização.

Para Luzineide, feirante redencionista, para organizar a feira é necessário a construção de um galpão, isso ajudaria na organização por delimitar um espaço que deixaria livre a rua e também melhoraria as condições de trabalho, dos feirantes, durante o inverno “por que quando vem a chuva, a chuva as vezes derruba essas bancas de pau, a gente perde um bocado de mercadoria sabe?”. (Luzineide, 2015)

O Mercado Público Municipal João Pereira de Castro construído para essa finalidade não possui espaço suficiente, nem uma estrutura adequada para acomodar todas

as bancas, esse espaço é utilizado tanto na feira semanal como na feira de domingo. Durante a semana poucos feirantes utilizam o mercado, já no domingo quase não dá pra andar dentro do mercado devido ao maior número de bancas e de clientes. A estrutura do mercado é deficiente em muitos aspectos e apresenta problemas similares durante o inverno, quando chove também entra água nos boxes e ocasiona a perda de produtos.

Para Antônio Carlos a feira carece de uma organização do local onde são colocadas as bancas e barracas. Mas para que haja essa organização é necessário um diálogo entre a prefeitura, enquanto órgão regulador da cidade, e dos feirantes que utilizam o espaço no domingo. Nos diz ele que:

Eu não vejo a feira organizada pelo fato de que as pessoas botam banca em cima das calçadas em cima das praças e muitas vezes falta uma ordem municipal para que venha sinalizar, tampam a rua, não tem um órgão da prefeitura que venha organizar a feira principalmente aos domingos pelo fato de que é uma feira maior é a feira principal então isso vem atrapalhar um pouco. (Antônio Carlos, 2015)

Novamente aparece a cobrança ao poder público enquanto agente responsável pela organização espacial da cidade. Mas também há uma cobrança aos feirantes enquanto responsáveis pelo espaço circundante à sua área de comercialização. A limpeza da rua onde ocorre a feira é de responsabilidade do poder público, mas para grande parte de nossos entrevistados essa é uma responsabilidade que os feirantes e clientes também têm de assumir.

A feira enfrenta também problemas variados, desde a competição com os supermercados ao abandono por parte do poder público, o que acaba diminuindo o potencial da feira, já que o espaço influencia na venda do produto, um espaço mais higiênico certamente favorecerá ao comerciante, ao passo que um espaço com condições precárias imporá maiores empecilhos para a comercialização de carnes, frutas e verduras.

Na cidade de Redenção tem quatro supermercados todos comercializam carnes, frutas e verduras, ambos com ambientes climatizados. Há também açougues e mercadinhos que comercializam frutas e verduras. O fato de a feira ser ainda a preferência de grande parte da população é que ela tem uma maior variedade de produtos, apresenta opções de preço mais acessíveis e também são espaços de compra já demarcados tradicionalmente.

No interior da feira há também competição por espaço e clientes, isso faz parte da feira. Para Ogburn e Ninkoff (1968) esse é um fato inerente no espaço social, se estamos falando de um espaço comercial naturalmente há competição, mas no caso da feira podemos dizer que se trata de uma competição “não personalizada”, os autores supracitados definem a feira enquanto espaço público e comercial. Sendo este um espaço de interdependência, nesse sentido a competição existente entre os feirantes é encarada de forma natural, impessoal e benéfica para o espaço e sua movimentação.

A organização da feira depende dessa competição por ser, este, um dos seus princípios. Para Ogburn e Ninkoff “a organização social de uma comunidade, em qualquer momento dado, representa, pois, um equilíbrio que se processa entre estas forças centrípetas e centrífugas.” (1968, p. 236). Se há um interesse em comum certamente os feirantes mobilizarão suas forças para alcançá-lo, mas se há interesses divergentes eles buscarão cada um individualmente, ou em grupo, atingir seus objetivos. Como veremos no capítulo seguinte na discussão sobre o dia mais propício para acontecer a “feira grande”.

Nesse sentido podemos observar que a feira é um espaço de trabalho, mas também de amizade e vizinhança (SATO, 2007). Como a feira tem uma organização espacial definida, os feirantes constroem seus laços de amizade, calcados em política de boa vizinhança, com aqueles que vendem ao seu lado. Essa organização da disposição das bancas, construída e regulamentada ao longo do tempo, proporciona a consolidação dessas relações de vizinhança e facilita a relação do feirante com os clientes que tornam-se fiéis, comprando sempre na mesma banca, seja por ofertar um produto de boa qualidade, seja por ofertar produtos por um menor preço. A organização do arranjo das bancas e barracas funciona muito bem, nesse sentido, ainda que haja alguns feirantes que acabam utilizando um pouco mais de espaço por trazerem um volume maior de mercadorias, mas isto é resolvido internamente através do diálogo entre vizinhos.

A política de boa vizinhança começa cedo, já na montagem das barracas os feirantes se ajudam, também no transporte do local onde as mercadorias ficam armazenadas até as barracas. Alguns feirantes utilizam os boxes do mercado público municipal para guardar as mercadorias, estes recebem a mercadoria no sábado à tarde, guardam no mercado e na madrugada organizam na banca que as vezes é montada fora

do mercado. Já os que vêm de fora, ou do interior e trazem a mercadoria na madrugada também ajudam uns aos outros no descarregamento dos caminhões.

Se essas relações de vizinhança puderem se estender um pouco mais é possível melhorar a organização da feira, mas ainda são necessárias outras modificações que dizem respeito à própria cidade, a fiscalização da vigilância sanitária é necessária, mas também são necessárias políticas públicas que auxiliem o pequeno produtor que comercializa seus produtos na feira para que este não seja excluído nesse processo. O diálogo é o instrumento para a organização.

2. É DIA DE FEIRA! SÁBADO OU DOMINGO?

A feira de Redenção que tradicionalmente ocorre aos domingos traz uma dinâmica diferente para a cidade, uma maior movimentação de pessoas na rua, e revela também muitos detalhes sobre o município, evidencia por exemplo a base econômica deste. Como já falamos a cidade de Redenção tem sua economia baseada na agricultura e a feira funciona como um local de escoamento da produção rural.

Quando começamos esse trabalho logo emergiu essa questão sobre o dia da feira, qual seria o melhor dia? Sábado ou domingo? Não trazemos aqui uma resposta para essa pergunta, pretendemos apenas apresentar as opiniões de comerciantes e clientes sobre essa questão e discuti-las.

Quando questionamos o porquê de o dia da “feira grande” ser no domingo, uma das respostas que nos é dada é que; a população de Redenção, em sua maioria, trabalhava na roça, muitos empregados em fazendas, sítios, etc. Este pessoal trabalhava da segunda-feira até o sábado de manhã e só recebiam dinheiro no sábado à tarde. Por isso se a feira ocorresse no sábado muitos clientes teriam que buscar outra alternativa ou comprar fiado o que não seria bom para os comerciantes.

Diante desse cenário entrou-se em um consenso de que a feira deveria ocorrer no domingo. Mas nem todos os feirantes estiveram sempre convictos de que o domingo era, de fato, o melhor dia para a feira, tanto é que em 1933 a feira foi transferida (por decreto na câmara) para o sábado, no período Odimar de Castro era o prefeito da cidade. Conforme o decreto Nº 46 de 9 de Junho de 1933: “Estabelece[u] o dia de SABADO para a realização da Feira livre nesta cidade”.

Cinco anos depois, em 1938, a feira voltaria a ser no domingo conforme um novo decreto da câmara municipal atendendo a um anseio popular, podemos encontrar isso em um decreto de 1940, que tinha por finalidade isentar os agricultores munícipes, que comercializavam seus produtos na feira, do pagamento de imposto.

O Prefeito municipal de Redenção no uso de suas atribuições legais e tendo em vista a nota do N 172 do decreto lei estadual N 563 de 1 de dezembro de 1939 a qual isenta de imposto ao vendedor de produtos de sua própria lavra. (era isento de qualquer imposto o agricultor munícipe).

Considerando que este município, o bem de seus agricultores, deve e pode adotar igual medida, favorecendo lhes uma feira livre isenta de qualquer imposto municipal; decreta.

Art1. Fica estabelecida na cidade de Redenção a feira livre aos DOMINGOS, isenta de qualquer imposto municipal. (Decreto Nº 1 de 6 de janeiro de 1940)

Conforme temos visto até aqui a feira tem uma importância muito grande para a economia da cidade, mas sua importância não se limita ao campo econômico. Dentro do espaço político, a partir de reivindicações surgidas da feira, a prefeitura mudou também sua rotina de trabalho decretando que passaria a funcionar nos dias de domingo para que os feirantes pudessem resolver questões ligadas à feira. Como podemos constatar a partir do decreto Nº 32 de

O Prefeito municipal de Redenção usando da faculdade que lhe confere a lei e considerando que devido a arrecadação de impostos nas feiras desta cidade que se realizam aos DOMINGOS é o prefeito sempre procurando pelas partes vindo a sede do município no domingo para tratar de negócios comerciais e aproveitam também para tratar de assuntos com o governador do município, considerando que o prefeito sempre que além de as partes necessita dos serviços do secretário que isso facto precisa permanecer na secretaria aos domingos de 8 as 11 da manhã. Considerando finalmente que em todas as partições públicas tem os funcionários um dia útil na semana para seu descanso; decreta.

A segunda-feira passou a ser então o dia de descanso semanal dos servidores públicos. Atualmente os órgãos públicos não funcionam mais aos domingos, por não haver mais a necessidade manifestada anteriormente.

Uma das justificativas para a mudança do dia da feira é que isso funcionaria como um mecanismo de autoproteção dos comerciantes locais, já que muitos feirantes trabalham na feira de Baturité que ocorre no sábado e que vêm para Redenção no domingo, se a feira passasse a ocorrer no sábado os pequenos feirantes locais teriam menos concorrentes e por consequência venderia mais. Como nos diz Luzineide, feirante redencionista; “eu acho que o dinheiro daqui da redenção tem que ser gasto aqui na Redenção e não fora” (Luzineide, 2015)

Outro problema dos comerciantes que vêm de fora é que vindo de outras feiras, seus produtos são em parte constituídos de “sobras” da feira anterior. No caso dos feirantes que vendem produtos não perecíveis como roupas, brinquedos, panelas e etc. isso não configura um problema, mas aqueles que vendem carnes, frutas e verduras podem trazer produtos de menor qualidade que acabam sendo comprados por serem vendidos também por um menor preço.

Muitos dos feirantes locais vendem também na CEASA², eles carregam os carros no domingo à tarde com frutas e verduras que serão transportadas para fortaleza na madrugada de segunda feira para serem comercializadas pela manhã. Para esses feirantes a mudança do dia da feira para o sábado seria boa porque eles teriam mais tempo para essa atividade.

Um das justificativas para a permanência da feira no domingo é que ela já é tradicional e que portanto as pessoas já se organizam a partir dessa dinâmica. Elas vêm à missa no domingo, fazem a feira e resolvem outros problemas. Estes acreditam que a mudança não acarretará em um maior volume de vendas.

Como podemos ver a mudança do dia da feira não é algo simples, opinião compartilhada por Teresinha de Lisiê, professora da rede estadual e cliente da feira, que nos diz o seguinte:

Na verdade, é muito complicado você falar nisso: primeiro por que [...] um comerciante que já está bem estabelecido, já vive bem, ganha bem, vende bem, talvez a feira no domingo sendo fechada para ele não vai causar nenhum prejuízo, mas os pequenos comerciantes, eles já reclamam que vai causar algum prejuízo, é uma situação super complicada. Agora uma coisa que eu acho que, na verdade vem muita gente de Baturité pra vender aqui, então se a feira for aos sábados é uma maneira de favorecer mais as pessoas que produzem aqui em Redenção, que a gente sabe que vem muita gente de fora vender aqui os produtos. [...] Existe uma questão trabalhista, uma questão financeira, a questão da tradição e a questão religiosa, se a gente for atrás disso tem muitas coisas envolvidas ainda nessa questão religiosa [o dia de domingo, segundo ela, deveria ser destinado ao descanso] (Teresinha de Lisiê, 2015)

Os aspectos econômicos parecem nortear essa discussão e revela pontos positivos e negativos a partir dos diferentes pontos de vista. Teresinha de Lisiê fala também sobre questões trabalhistas referentes ao direito do trabalhador a um dia para o descanso, se a feira fosse no sábado, o domingo seria reservado para o descanso. Antônio Carlos, comerciante local, concorda em parte com o que diz Terezinha de Lisiê, mas no que se refere à uma vantagem para a economia local ele discorda. Sobre a mudança do dia da feira Antônio Carlos nos diz o seguinte:

Em relação à mudança da feira do domingo para o sábado eu posso te dar duas opiniões minhas, eu posso te dar uma como comerciante e a outra como [...] minha particularmente. Tipo a minha como comerciante; é muito bom o movimento no comércio dia de domingo pelo [fato] de que vêm as pessoas que não podem comprar de segunda à sábado e tem a folga no domingo então movimenta um pouco mais a cidade em relação à pessoa que vem de Acarape, que vem de outras cidades que não tem como resolver as coisas no sábado e vem no domingo e vem e faz aqui [...] a minha opinião particular é que seria

² Central de abastecimento de frutas e verduras, situado em Maracanaú-CE.

muito bom a mudança pelo fato que o comerciante redencionista ele trabalha de domingo a domingo e não tem folga de jeito nenhum então se a feira viesse para o sábado seria bem interessante pelo fato de que a gente teria um dia na semana folgado como muitos outros municípios (Antônio Carlos, 2015)

A mudança do dia da feira como podemos ver é uma questão de ponto de vista, a variante está justamente no ponto de onde se observa. Por isso é difícil encontrarmos um consenso sobre o dia da feira, enquanto uns defendem o sábado como o melhor dia para a feira e enumeram suas razões justas, há também aqueles que afirmam ser o domingo o melhor dia para a feira e também têm suas razões.

Para o comerciante José Hilton Pinheiro a mudança da feira para o sábado seria boa por que no sábado a feira poderia ocorrer durante todo o dia:

O bom de mudar a feira pra sábado é que sábado seria o dia todo né? Esses carros que descem da serra 8 horas estão subindo no domingo, por que? Pra justamente carregar os carros pra CEASA no domingo pra segunda entendeu? E se fosse no sábado eles teriam o dia todim do domingo para carregar esse carro. E no domingo eles querem voltar cedo por que tem obrigações a tarde pra fazer e no sábado não eles podem vir de manhã e pode vir de tarde pra feira né? Quer dizer é mais fácil até pro feirante e pra quem vai pra feira fazer compra, se não puder ir de manhã poderá ir à tarde né? E o feirante vai passar a vender mais por que é o dia todo não é isso? (José Hilton Pinheiro, 2015)

Mas o discurso de que os feirantes poderiam vender durante a tarde do sábado também é questionável por não haver uma estrutura adequada que possibilite a permanência destes durante a tarde. As carnes, frutas e verduras ficariam expostas por mais tempo à condições desfavoráveis. Durante o período em que a feira foi transferida para o sábado, em 1933, segundo Teresinha de Lisiê a experiência não foi muito exitosa e por isso voltou a ser no domingo, nos diz ela que:

Houve um momento em que ela foi transferida para os sábados, se eu não me engano foi em 1933, foi um decreto da câmara transferindo se eu não me engano foi o prefeito Odimar de Castro, fez uma mudança para a feira ser aos sábados, mas também foi um fracasso a feira passou a ser, voltou a ser se não me engano em 1938 para os domingos. E [...] partindo daí houve várias tentativas de transferir essa feira para os sábados e ainda não conseguiu exatamente por que é uma tradição de Redenção. (Teresinha de Lisiê, 2015)

Entendemos que a feira mudou muito ao longo desse tempo e que surgiram novos problemas, mas tiramos da fala dela dois elementos significativos da defesa do domingo como o dia da feira, o primeiro o relato de uma experiência fracassada no passado, se procurarmos o porquê de ter fracassado poderemos discutir isso com mais clareza. E segundo o argumento da tradição, como viemos apresentando até aqui a feira modifica a rotina da cidade, boa parte da população da cidade e do interior organizam seu domingo pensando na feira.

Por enquanto o dia da feira continua sendo o domingo e não há uma perspectiva de quando teremos uma resposta para essa questão, entretanto há um grupo de feirantes se organizando para discutir essa questão no sentido de tentar promover uma mudança. Diante desse cenário começa também a organização das opiniões contrárias.

2.1 Histórias da feira (múltiplas sociabilidades)

Há diversas formas de ver a feira, não apenas no sentido de que há múltiplas visões formadas a partir de categorias mais ou menos definidas como vendedor, cliente e transeunte. Há ainda no seio dessas categorias muitas formas diferentes de ver, e viver, a feira. Como vimos na discussão sobre o dia da feira, por exemplo, não há uma concordância. Mesmo não sendo esse o foco do meu trabalho pude notar outras inúmeras discordâncias referentes aos mais variados assuntos, sobressaindo-se a política, onde encontramos uma divisão entre “situacionistas” e “oposicionistas”. Alguns feirantes acreditam que o atual prefeito, Manuel Bandeira, mudará o dia da feira para o sábado, outros dizem que ele não pode fazer isso e a partir dessa discussão sobre a feira emergem outras discordâncias políticas, que embora façam parte do ambiente, não nos interessam aqui.

Para Boechat e Santos (2015) “todos têm uma história de identidade e origem, e junto com esta tem inserido algum momento de lembrança em que a feira estava relacionada, seja no âmbito alimentar, no de lazer ou de historicidade local”. (2015, p. 6) nesse sentido trazemos, nessa última parte do trabalho, algumas histórias sobre a feira que não entrariam em uma “história oficial” desse espaço, mas que são interessantes e valorosos para compreendermos a dinâmica social da feira e suas múltiplas formas de sociabilidade.

As histórias que remontam ao tempo de infância mostram essa relação que Boechat e Santos nos apresentam. Como fica evidente na fala de Eneide Pinheiro que ao falar das mudanças da feira, lembra disso a partir de sua infância, uma memória particular que permeia a história da feira.

Não é mais como no meu tempo de infância que eu acompanhava o meu avô na feira que tinha o mercado próprio, que tinha uma organização, que os feirantes também se preocupavam com a limpeza, que o poder público também estruturava melhor, eu acho que a organização é deficiente precisa ser avaliada

não só pelo poder público como também os feirantes devem ajudar para que melhore a distribuição, a organização, a concentração pra que também seja tirado de locais de passagem de pessoas, dos pedestres as próprias barracas (Eneide Pinheiro, 2015)

Nessa fala fica evidente uma mudança não apenas em relação ao tamanho, mas também em relação à organização, limpeza e estrutura. Eneide nos fala de uma mudança de postura em relação à organização e a limpeza, comparando os feirantes de antes aos atuais.

Nesse período a feira ficava dentro do mercado público, ainda não tinham tantos feirantes como agora, talvez por isso a organização fosse mais simples. No entanto a mudança de atitude em relação à limpeza é um problema. A partir do que nos fala Eneide houve uma mudança do modelo de organização, que anteriormente centrava a responsabilidade no feirante com a ajuda do poder público, para um modelo desorganizado que discute a responsabilidade da organização e limpeza, deixando esta apenas para o poder público.

Como dissemos no começo desse trabalho, não temos muitos trabalhos sobre a feira de Redenção, por isso sua história vai aos poucos se perdendo nas memórias não documentadas. Mas podemos, até certo ponto, resgatar essa história a partir da cidade, de suas praças, de seus atores e transformadores desse espaço, como diz ROLNIK (2012) a cidade é um imenso alfabeto, que podemos ler utilizando as ferramentas corretas. Aqui pretendemos “ler” a cidade de Redenção a partir da feira, das memórias daqueles que participam desse espaço. Terezinha do Lisiê nos fala sobre a escassa produção de trabalhos sobre a feira e nos fala sobre a vitalidade da história oral para contarmos a história da feira, ou as histórias. Nos diz ela que:

Na verdade nós não temos historicamente escrito muita coisa sobre a feira, o conhecimento que nós temos é o conhecimento oral que foi passando de geração em geração. [...] o que eu sei sobre a feira, exatamente, que ela começou ali onde hoje é a praça da matriz debaixo dos tamarindeiros e dizem, dizem né, ninguém tem nenhum fato comprovado, que havia também o comércio de escravos, alguns escravos eram comercializados e ali agricultores vendiam seus produtos porque não tinha ainda um local adequado para eles se alojarem, então a feira foi crescendo e foi construído o mercado público e a partir daí da construção do mercado público [...] a feira passou a funcionar dentro do mercado público [...] ai depois com o crescimento do mercado público foi construído o mercado lá fora aquele mercado que fica ao lado do mercado público [...] Continuou crescendo, crescendo e não comportava mais ai a feira já passou a funcionar dentro do mercado público grande e fora ao redor do mercado, exatamente como está hoje. (Teresinha de Lisiê, 2015)

A partir do que nos diz Teresinha de Lisiê compreendemos que a organização da feira foi se complexificando com o passar do tempo, com o aumento do número de feirantes. A fala dela traz elementos de nossa história que pouco, ou nada, conhecemos, como o mercado de escravos na feira da matriz, apesar de sua incerteza quanto a veracidade dessa história há em sua fala um questionamento interessante para a história da cidade. Questionamento que é respondido por Silva (2004) que confirma a história de que “a praça da Matriz era o local onde acontecia a feira de escravos. Os senhores aproveitavam o sábado para negociar os desditos: trocar, vender ou comprar”. (Silva, 2004, p. 46).

Outra história que nos conta Teresinha de Lisiê que diz respeito a uma outra forma de ver e viver a feira, nos revela outras formas de sociabilidade que esse espaço proporciona;

Outra coisa que é importante falar sobre a feira aqui de Redenção como não havia muita diversão aqui, a feira ela era aos domingos, ela era um momento de encontro das pessoas, dos conhecidos, das moças que vinham, se arrumavam, se enfeitavam toda pra vir pra feira namorar, arranjar namorado, passear, eu fui uma das que nesse, nessa época quando eu cheguei aqui em Redenção por volta de 74 mais ou menos eu já peguei esse período e que a gente saía na feira arrumada como se fosse para uma festa pra arranjar umas paqueras né? (Teresinha de Lisiê, 2015)

Essas relações que se estabelecem a partir da feira fazem parte de uma das muitas histórias que compõem a memória da feira. A feira era assim um espaço de encontros e desencontros que certamente fazem parte da história de muitos outros redencionistas, e também outros habitantes do Maciço, que assim como Teresinha viam nesse espaço um local de diversão e socialização.

A feira por ser um espaço construído a partir de uma necessidade comercial, que poderia ter sido substituída ao longo do tempo com a modernização do mercado, resiste por não ter se limitado a isso. Para Medeiros (2010):

A feira é um espaço democrático de convivência, em que os sujeitos sociais se encontram, trocam experiências e vivências e aprendem mutuamente, informalmente, ao lado de toda modernidade dos grandes conglomerados de redes de supermercados. A feira resiste e essa resistência tem sua origem na própria forma de como as pessoas que dela participam vão criando estratégias de sobrevivência, formas e meios de continuar subsistindo, mostrando sua visibilidade quando muitas vezes são vistos como se fossem seres invisíveis. (MEDEIROS, 2010, p. 45)

O espaço da feira possibilita o encontro entre cidade e campo, desenvolvendo e mantendo relações sociais e econômicas. A feira também proporciona o encontro entre

os moradores das cidades do Maciço de Baturité, sejam eles comerciantes ou clientes. Nesse sentido podemos entender a feira como um espaço de sociabilidade como fica evidente na fala de Eneide Pinheiro:

Geralmente quando as pessoas se encontram vem aquela velha conversa né? De assuntos diferentes diversos, e a feira pela concentração de pessoas não vai deixar de ser diferente né? Pessoas que se encontram que as vezes só se encontram naquele dia, o cliente que se encontra com o feirantes, da mesma forma quando vem ao comércio, então onde existem pessoas, momentos de encontro, de compras, realmente não deixa de ter essa socialização, sim com certeza. (Eneide Pinheiro, 2015)

Ver a feira como um espaço de socialização faz parte de um outro modo de olhar para a cidade, como sugere Rolnik (2012) precisamos aprender a ler a cidade e identificar nessa leitura seus atores sociais, aqueles que participaram dos processos de mudança ainda que não tenham atuado ativamente nesses processos. Ler a feira a partir da feira e buscar compreender um pouco mais da cidade a partir dessas leituras é um exercício interessante e desafiador. É muito importante compreendermos a importância dos espaços da nossa cidade e as histórias deles.

Para Santos (2012) a cidade enquanto quadro social e espaço de múltiplas vivências e memórias “não é apenas um quadro da vida, mas um espaço vivido, isto é, de experiência sempre renovada, o que permite, ao mesmo tempo, a reavaliação das heranças e indagações sobre o presente e o futuro” (SANTOS, 2012, p. 114). A feira é assim um espaço que produz e reproduz uma identidade dos moradores da cidade de Redenção. Um espaço onde podemos olhar não apenas para o passado, mas também para o presente e o futuro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desse trabalho podemos compreender que mais do que entender a dinâmica social da feira, esse trabalho pode contribuir para entender a cidade de Redenção em múltiplos aspectos, sendo eles econômicos, sociais e políticos. Procuramos trabalhar esses três pontos, que nos ajudam a entender o espaço que os feirantes e clientes ocupam dentro da feira e a posição que essa ocupa na organização da cidade.

Quando falamos da organização da feira não estamos falando apenas da disposição das barracas, discutimos também outras questões como o problema da comercialização de carnes, frutas e verduras sem uma estrutura adequada é algo que deveria preocupar um pouco mais o poder público. Discutir essa questão é discutir saúde pública, mas infelizmente essa discussão parece não estar na agenda política atual. Desse modo trazemos também uma discussão política. A organização social da feira e as relações estabelecidas nesse espaço servem para manter uma organização necessária para o funcionamento da feira de domingo.

Quando falamos da mudança do dia da feira não estamos falando apenas de uma mudança interna, mas compreendendo a importância da feira para a cidade, estamos falando de uma mudança da rotina de Redenção. Uma mudança que envolve questões econômicas como ficou bem evidente, mas que não se resume a isso e por isso que a mudança do dia da feira é um assunto tão comentado internamente por feirantes e clientes, mas também por aqueles que não participam da feira diretamente, como comerciantes e empresários locais, o assunto também ganha espaço nas discussões políticas da cidade.

Assim, estudar a feira é uma possibilidade de compreender a cidade, não apenas no sentido de que ela traz uma nova dinâmica de utilização das ruas no domingo, mas por que nesse espaço se encontram múltiplas identidades da cidade que compõe esse período de transição pelo qual a cidade passa com a recente chegada da UNILAB. Discutir e rediscutir esse espaço é necessário para que adquiramos consciência da história da nossa cidade, das visões e vivências que o espaço urbano possibilita.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOECHAT, Patricia Teresa Vaz e SANTOS, Jaqueline Lima dos. **Feira livre: dinâmicas espaciais e relações identitárias.** Disponível em: <http://www.uesb.br/eventos/ebg/anais/2p.pdf> acesso em 11 de outubro de 2015.

MEDEIROS, Jorge França da Silva. **As feiras livres em Belém (Pa).** Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Belém, 2010.

OGBURBN, William e NINKOFF, Meyer. **Cooperação, competição e conflito.** In: Homem e sociedade; leituras básicas de sociologia geral [organização e introdução de Fernando Henrique Cardoso e Octávio Ianni] 4ª Ed. São Paulo. Editora nacional. (p. 236-261). 1968.

PIERRI, Maria Clara Q. M. e VALENTE, Ana Lucia E. F. **A feira livre como canal de comercialização de produtos da agricultura familiar.** Disponível em: <http://www.sober.org.br/palestra/15/234.pdf> acesso em 10 de novembro de 2015

RIBEIRO, Fabrício Américo. **UNILAB: políticas educacionais e as transformações do espaço urbano em Redenção-Ceará-Brasil.** Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Ceará, Centro de Ciências e Tecnologia, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Curso de Mestrado Acadêmico em Geografia, Fortaleza, 2012.. 120 f.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade.** 4ª ed. São Paulo. Brasiliense, 2012. (coleção primeiros passos, 203)

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal.** 22ª ed. Rio de Janeiro. Record, 2012.

SATO, Leny. **Processos cotidianos de organização do trabalho na feira livre.** Psicologia & Sociedade; 19, Edição Especial 1: 95-102, 2007.

SILVA. F. R. da. **Redenção: Palco dos primeiros abolicionistas do Brasil, Berço da educadora dos redencionistas.** Ceará: Editora Uva, 2004.

SOUZA, Suzane Tosta. **Relação campo–cidade: em busca de uma leitura dialética para a compreensão desses espaços na atualidade.** In: Cidades médias e pequenas: teorias, conceitos e estudos de caso. /Diva Maria Ferlin Lopes, Wendel Henrique (organizadores). – Salvador: SEI, 2010. (195-208 p.)